

OS ÚLTIMOS POEMAS DE MARIO DE SÁ-CARNEIRO

CARANGUEJOLA

Ah, que me mettam entre cobertores,
E não me façam mais nada!...
Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,
Que não se abra mesmo para ti se tu lá fôres!

Lã vermelha, leito fôfo. Tudo bem calafetado..
Nenhum livro, nenhum livro á cabeceira...
Façam apenas com que eu tenha sempre a meu lado
Bolos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais; não quero mesmo brinquedos.
Pra quê? Até se m'os dessem não saberia brincar..
Que querem fazer de mim com estes enleios e mêdos?
Não fui feito pra festas. Larguem-me! Deixem-me socegar!...

Noite sempre plo meu quarto. As cortinas corridas,
E eu aninhado a dormir, bem quentinho — que amor!...
Sim: ficar sempre na cama, nunca mexer, crear bolor —
Plo menos era o socego completo... História! era a melhor das vidas...

Se me doem os pés e não sei andar direito,
Pra que hei de teimar em ir para as salas, de Lord?
Vamos, que a minha vida por uma vez se accorde
Com o meu corpo, e se resigne a não ter geito...

De que me vale sahir, se me constipo logo?
E quem posso eu esperar, com a minha delicadeza?...
Deixa-te de illusões, Mario! Bom édredon, bom fogo —
E não penses no resto. É já bastante, com franqueza...

Desistamos. A nenhuma parte a minha ansia me levará.
Pra que hei de então andar aos tombos, numa inútil correria?
Tenham dó de mim. Co' a breca! levem-me prá enfermaria! —
Isto é, pra um quarto particular que o meu Pae pagará.

Justo. Um quarto de hospital, hygienico, todo branco, moderno e tranquillo;
Em Paris, é preferivel, por causa da legenda...
De aquí a vinte annos a minha litteratura talvez se entenda;
E depois estar malquinho em Paris fica bem, tem certo estylo...

Quanto a ti, meu amor, podes vir ás quintas-feiras,
Se quizeres ser gentil, perguntar como eu estou.
Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com as melhores maneiras...
Nada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais acabou.

Paris — Novembro 1915.

ULTIMO SONETO

Que rosas fugitivas foste allí!
Requeriam-te os tapetes, e vieste...
Se me doe hoje o bem que me fizeste,
E' justo, porque muito te devi.

Em que sêda de affagos me envolvi
Quando entraste, nas tardes que aparceste!
Como fui de percal quando me déste
Tua bocca a beijar, que remordí!...

Pensei que fôsse o meu o teu cansaço,
Que seria entre nós um longo abraço
O tédio que, tão esbelta, te curvava...

E fugiste... Que importa? Se deixaste
A lembrança violeta que animaste,
Onde a minha saudade a Côr se trava?...

Paris — Dezembro 1915.